

ARCOmadrid
06-10.03.2024

Sara Mealha



Um outro abecedário

O convite das Galerias Municipais/EGEAC – CML direcionado à jovem artista portuguesa Sara Mealha (n. Lisboa, em 1995) para apresentar o seu trabalho no *project room* da presente edição da ARCOmadrid representa a sua primeira exposição num contexto internacional. A artista que vive e trabalha em Lisboa licenciou-se em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, em 2017, mas já reúne um considerável e sólido conjunto de mostras individuais em galerias, assim como em espaços expositivos alternativos.

*

Todos nos lembramos do tempo em que aprendemos a ler. As vogais, as consoantes, o abecedário; os ditongos, as sílabas, as palavras. Mas detenhamo-nos ainda antes de começarmos a saber compor frases, nesse momento em que reconhecemos as letras soltas, perdidas um pouco por toda a parte. Não, elas encontram-se mesmo por toda a parte. Para qualquer lado que nos viremos, elas olham para nós, vêm ao nosso encontro. Nas matrículas dos carros, nas parangonas dos jornais, nas embalagens dos cereais, nos cartazes colados nas ruas, nos cartões nas paredes da escola: com desenhos que servem de mnemónica da primeira letra do nome a que se referem. Não me lembro de nenhum desenho em particular reproduzido nestes cartões, mas não esqueço *uma* letra F verde. A letra colorida, maiúscula e sem serifas, ao lado da mesma em escrita cursiva. É este estado em que colecionamos letras e em que estas são desenhos que nos atraem que parece interessar a Sara Mealha resgatar para o seu trabalho. Não raras vezes nas suas composições materializadas em desenhos, pinturas, intervenções *in loco*, encontramos as letras, e por vezes

palavras, perdidas, desconstruídas, derramadas, corrigidas, que nos devolvem àquele exercício livre da imaginação da infância.

A integração na obra de Sara Mealha de jogos de escala, de espaçamento e de adaptação das caligrafias emancipadas de um dado contexto inscreve-se na prática da Poesia Visual. Desde logo, os espaços entre palavras e entre estrofes deixados em branco no gesto inaugural de Stéphane Mallarmé em *Um Lance de Dados*. Sendo impossível não mencionar de imediato Marcel Broodthaers, fiel sucessor e desdobrador da poesia de Mallarmé em várias obras plásticas. Também encontramos na pintura da artista, a sonoridade dos poemas de Kurt Schwitters e as formas de sentido dos caligramas de Guillaume Apollinaire. E o motor do seu desenho relaciona-se com a escrita automática e sem autor dos Surrealistas e com as noções de colagem e de corte semântico no Letrismo em especial pela mão de Isidore Isou. Damos um salto geográfico até à Poesia Experimental Portuguesa que na década de 1960 teve como principais exponentes E. M. de Melo e Castro, Salette Tavares e Ana Hatherly. Desta última mais do que a sua incursão pela poesia experimental, são os seus desenhos-malhas de letras ou as suas *Tisanas*, breves fragmentos que colocam em tensão a palavra e a imagem por ela sugerida, que parecem estar por detrás de algumas das imagens produzidas por Sara Mealha. Ao olharmos para o seu trabalho artístico o mais acertado será identificarmos uma inversão do termo, ali está: Visual Poesia.

Este ponto tem como objetivo esclarecer, tirar do caminho, o seguinte confronto: Letras e desenho vs. Grafismo e símbolos. Não interessa a Sara Mealha o exercício tipográfico do design gráfico, até porque muitas das vezes as palavras não são legíveis ou juntas não criam um sentido semântico. As letras são por ela tomadas como desenhos ou pontos de partida para o desenho (que é por natureza aberto). Por isso não lhe interessa os símbolos que são desenhos inequívocos ou de sentido único.

Uma outra dimensão presente no trabalho de Sara Mealha reporta ao compromisso que a sua intervenção artística – seja uma tela esticada, uma pintura *site-specific* ou a interferência

num dado contexto – constrói com a escala e a arquitetura do espaço expositivo que ocupa. Tomemos como exemplo as pinturas de parede. Estas intervenções partem de estudos e esboços. Na mudança de escala e de adaptação ao espaço, por vezes, é necessário acrescentar mais uma linha, procurar uma outra cor, dobrar os desenhos para que comportem o espaço onde estão a ser concretizados. É apenas após este processo que a obra se estabiliza, que esta acontece, é agenciada. Ainda que muitas vezes este momento não corresponda à sua fixidez ou durabilidade. Dado terem sido pintadas *in loco*, projetadas num dado espaço, concebidas para um acidente arquitetónico, o destino das intervenções é serem apagadas após a sua exposição. Para Sara Mealha o desafio da impermanência da obra, ao invés de lhe provocar uma espécie de nostalgia, abre-lhe caminho a outras experiências. Para a artista não existe distinção entre as diferentes formas de ação. Da experiência de uma intervenção no espaço pode escorregar uma vírgula, uma mancha de cor, uma onomatopeia que será recuperada num *doodle* ou numa pintura. Este diálogo frutífero com o espaço em que a obra é exposta transpõe o mero exercício formal, para muitas das vezes nos colocar à conversa com a própria História da Arte e embarcamos nesta viagem porque o nosso corpo é colocado na encenação proposta pela artista. Encontrei o azul do céu da Capela Scrovegni de Giotto na intervenção *Qual Destes uma Armadilha* (2021) realizada na livraria da Galeria Zé Dos Bois. Recordei as cores das vestes das figuras nos frescos de Piero della Francesca, em Arezzo, quando vi as cores das letras da instalação *Ne Pas Plier* (2023) que Sara Mealha apresentou na Zaratán.

Quero ainda mencionar dois outros imaginários ativados por Sara Mealha no seu trabalho e que somam aos já referidos: o espaço cénico do teatro e a banda desenhada. Não sei o que terá surgido primeiro no seu percurso, arrisco dizer que tudo nasceu ao mesmo tempo e no desenho. Isto porque (somente) no desenho é possível colocar em jogo uma multiplicidade de mundos no mesmo plano e de ali ensaiar coexistências conflituosas. Pensemos no desenho animado de uma figura que

continua a correr no ar depois de ter ultrapassado o precipício. Através de uma economia de meios, a performatividade da linguagem coincide com a procura de uma linguagem própria. Um outro abecedário.

Na sua apresentação para o *project room* das Galerias Municipais/EGEAC – CML na ARCOmadrid 2024, Sara Mealha recorre de modo subtil e generoso às suas estratégias expositivas tomando em conta a especificidade da tipologia de um expositor numa feira de arte. A conceção da sua apresentação teve como ponto de partida a pintura *N, e* (2023) que integrou a mostra *Meia Bravura* exposta na Appleton Associação Cultural, em Lisboa. Para Madrid a artista atualizou a série com a pintura intitulada *SNIF* (2024), ensaiando um confronto novo entre as duas pinturas. As grandes dimensões das pinturas conversam com a escala das paredes do expositor, mas não se trata aqui de um monólogo. Atente-se à forma como as telas estão esticadas e coladas provisoriamente às paredes e como estas são integradas no mesmo plano onde se desenrola a pintura. A participação de Sara Mealha conta ainda com um livro de artista especialmente produzido para esta ocasião. Em cada página são sobrepostas duas camadas, justapostos dois momentos. Sobre a reprodução digital de imagens das pinturas da mesma família das que são agora expostas, são serigrafados desenhos oníricos, *doodles* feitos durante conversas telefónicas e “bonecada” (tal como a artista se refere a estes desenhos). É no curto-circuito entre (pelo menos) duas camadas de sentido que a pesquisa visual de Sara Mealha se desdobra, como podemos agora presenciar na sua proposta expositiva e no folhear do livro de artista. Decisões sobre peso, textura, brilho das cores e sobreposição de linguagens tomam lugar na mesma página sem fim da pintura de Sara Mealha.

Sara Mealha
N, e, 2023
Óleo sobre pano cru
160 x 241 cm
Cortesia da artista

Sara Mealha
Snif, 2024
Óleo sobre pano cru
145 x 245 cm
Cortesia da artista

– Maria do Mar Fazenda



Apoio

